

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO**

ANA JÚLIA PEREIRA DA SILVA SANTOS

O AMOR EM bell hooks E A REPRESENTAÇÃO MÃE E FILHA EM ORÍ

**São Borja
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO**

ANA JÚLIA PEREIRA DA SILVA SANTOS

O AMOR EM BELL HOOKS E A REPRESENTAÇÃO MÃE E FILHA EM ORÍ

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC 2 -
Projeto Experimental - apresentado ao curso
de jornalismo como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientação: Profa. Sara Feitosa.

**São Borja
2023**

ANA JÚLIA PEREIRA DA SILVA SANTOS

O AMOR EM BELL HOOKS E A REPRESENTAÇÃO MÃE E FILHA EM ORÍ

Trabalho de Conclusão de Curso -
TCC 2 -
Projeto Experimental - apresentado ao
curso
de jornalismo como requisito parcial
para a
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

TCC defendido e aprovado em: 05/12/2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr^a. Sara Alves Feitosa
Orientador
(Unipampa)

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti
(Unipampa)

Prof. Dr^a. Merli Leal Silva
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **SARA ALVES FEITOSA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/12/2023, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Merli Leal, Usuário Externo**, em 08/12/2023, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALEXANDRE ROSSATO AUGUSTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/12/2023, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1319419** e o código CRC **DC21C720**.

Dedico este trabalho a DanDan.

AGRADECIMENTO

É muito difícil para mim o ato da ação sobre o afeto, é um desabafo. Há tantas coisas vividas nesses últimos anos, que só agora, vejo a sorte que tenho de ter pessoas tão únicas dentro do meu processo de vida. Mesmo que nomes podem não ser mencionados neste agradecimento, se lê e te toca, você também faz parte desse momento.

Mainha, painho e Nana, sei que pouco falamos sobre o amor. Não sei se irei conseguir ler para vocês esse trecho como lia a bíblia. Mas, espero que alguém com mais coragem que eu, possa dizer as palavras que agora joga nesse texto. Tudo que hoje sou, é graças a cada um. Vocês foram e são o equilíbrio entre a vida e a existência. Me tornaram um furacão e me orgulho muito disso. Eu amo cada parte que existe em minhas raízes.

Vivo e morro por vocês. Por mim.

Vocês são, do fundo da minha alma e na construção do meu orí, meus maiores mentores da vida terrena. Aqui, agora, agradeço pela realização da liberdade e espero que um dia, possa oferecer a vocês meu completo agradecimento pela vida. As orações e promessas que fizeram a Nossa Senhora Aparecida foram agraciadas, estou viva!

Aos meus avós: Maria Pereira, Antônia Alexandrina, Antonio Pedro da Silva e Zé Pereira, vocês são a herança de tudo que tenho. Não há terras e dinheiro, África e Brasil, Ceará e São Paulo, que me distancie da identidade que me ligue até cada um. Agradeço a cada caminho aberto, a cada proteção realizada.

Mulheres da minha infância, amigas e companheiras: Carol, Mika, Nath, Ray, Iane, Nessa, Vitória, Jade, Brenda, Júlia, Ary e Barbie, não existiu um momento em que não levei vocês junto comigo. Antes mesmo do caderno como presente por ter passado na faculdade, das festas da adolescência, das conversas e promessas, segredos e anseios. Do respeito, aprendizados sobre o amor e espiritualidade, antes mesmo de tudo, ainda quando éramos apenas crianças, vocês me moldaram, me transformaram. Torço para que vejam, participem e acolham cada fase do meu amadurecimento. Sinto saudade de cada uma de vocês.

Aos meus amigos: Pedro Albarnaz, André Gonçalves, Gustavo Aguiar e Gabriel Aguiar, Igor Campos (e famílias), Arthur Fascina, Dado, Ivan Tarouco, Karter, Catelan (e todos os outros que contribuíram para que eu me visse como mulher e amiga), agradeço pelo respeito, amor e compreensão. Vocês foram peças para que eu pudesse compreender a aliança entre o feminino e masculino onde sou amiga, confidente e irmã. Como também ganho

irmãos, amigos e aliados.

Estela pelo início de tudo, faísca da procura e entendimento para ser a pessoa do mundo, da mudança e transformação.

Ao PET - História da África, agradeço pelo amadurecimento, quilombo, comunidade e dedicação. Cada passo de vitória que damos de forma pessoal, é um crescimento divino dentro de mim. Vejo vocês caminhando pelo mundo, iremos nos esbarrar.

Ao meu padrinho Alfredo, obrigada por mudar a rota. Por ser PAIdrinho, confidente, realizador de sonhos e por especialmente, confiar.

Érika Hammes, Tuãne Araújo e Rafa Betim, porto de início e partida. Cura e amadurecimento, troca e companheirismo. Sentirei tanto, sinto tanto, quero tanto. Daria tudo para que nessa vida eu pudesse viver sempre perto do colo de vocês. Sei que estarão em casamento, apadrinhamento, felicitações e luto. Morro e vivo todos os dias, feliz por ter o acalanto de vocês.

A família Atílio, assim como também, a família Yusuf, pelo apadrinhamento e amostra da humanidade. Que cura, mostra o pertencimento e o amor.

A minha namorada, companheira de vida e mundo, Laura Folletto. *My darling*, você é a prova do amor de hooks e de mainha. Estamos sempre aéreas sobre o tempo desse mundo, mas há coragem e confiança para estarmos presentes no tempo uma da outra. Se hoje existe orí, é porque muito existiu o amor que precisava para que ele pudesse vir ao mundo.

Minha orientadora, reflexo, referência e amadurecimento, Sara Feitosa. Me vejo tanto em ti que às vezes perco o sentido das palavras, torcendo para que consiga entender tamanha admiração. O mundo fica pequeno para tantos questionamentos que rondam sua essência, ainda mais pequeno quando consegue alcançar espaços inimagináveis com tamanha sabedoria. Obrigada por confiar em meu orí.

Aos vizinhos de todas as ruas que passo a viver.

Aos amigos e colegas que fiz nesse caminho, desde dona Jô e Iara que contribuíram para que o campus seja comunidade, Alciane, Eloísa e Merli professoras que admiro, Renata Gonçalves, Gabriel Maia, Karen, Tai Lago, Impact Hub Floripa, Lúcia e pessoas que se aproximaram no percurso. Se hoje vivo, é graças ao acalanto de cada um.

Para bell hooks, Beatriz Nascimento e Gal Costa.

Todos que apoiaram Orí.

Agradeço Ana Júlia Pereira da Silva Santos, Naju Pereira, Aninha, Ana, Júlia, Buga-
buga.

Axé para todes que chegaram até aqui.

*“A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é
meu quilombo. Onde eu estou, eu estou.
Quando eu estou, eu sou.”*

Beatriz Nascimento

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso - Projeto Experimental - propõe a produção de um filme-ensaio que apresenta narrativas familiares com enfoque na trajetória de mulheres negras, especificamente na relação mãe e filha. O estudo e produto audiovisual se justificam pela pouca produção e recorrente história de invisibilidade de vidas negras, especialmente de mulheres negras. A metodologia aplicada é a de produção de documentário a partir de Sérgio Puccini. Como resultado apresenta-se um filme-ensaio, em curta metragem, com 25 minutos que expressa a visão íntima da autora sobre temas como racismo, infância, espiritualidade, sexualidade e amor.

Palavras-Chave: mulheres pretas, filme-ensaio, orí.

RESUMEN

El Trabajo de Conclusión del Curso - Proyecto Experimental - propone la producción de un film-ensayo que presente narrativas familiares centradas en la trayectoria de la mujer negra, específicamente en la relación madre-hija. El estudio y producto audiovisual se justifica por la falta de producción y la recurrente historia de invisibilidad de las vidas negras, especialmente de las mujeres negras. La metodología aplicada es el cine documental basado en Sérgio Puccini. El resultado es un cortometraje-ensayo de 25 minutos que expresa la visión íntima de la autora sobre temas como el racismo, la infancia, la espiritualidad, la sexualidad y el amor.

palabras clave: mujeres negras, ensayo cinematográfico, orí

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. Problema de comunicação	13
3. Objetivo Geral.....	13
3.1 Objetivos específicos	13
4. Justificativa	14
5. Referencial teórico	15
5.1 Mulheres pretas e a interseccionalidade	16
5.1.2 Tudo sobre o amor	17
5.1.3 Racismo.....	20
5.1.4 Mercado de trabalho	22
5.1.5 Divisão de gênero e raça dentro do espaço de trabalho no Brasil	24
5.2 Documentário.....	27
5.2.1 Filme-Ensaio	29
5.3 Escrivência	31
6. METODOLOGIA APLICADA.....	32
6.1 Pré-produção	33
6.1.1 Pesquisa.....	33
6.1.2 Fontes	33
6.2 Produção	34
6.2 Pós-produção.....	34
7. Atividades Realizadas e Avaliação do Processo de Produção.....	34
8. Considerações finais	35
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Quando temos consciência de onde viemos, sabemos para onde vamos. Desde que pisei na universidade, passei a ver meu reflexo da maneira que é, e não como aprendi boa parte da vida. Pessoas pretas quando têm acesso a história do seu povo e sua chegada no Brasil, recebem uma caixa surpresa: não sabemos se sentimos raiva, orgulho ou uma mistura dos dois. É como Conceição Evaristo retrata em seu livro *Olhos d'água* “era tudo tão doce, tão gozo, tão dor”. Para mim, quanto mais aprendo e descubro sobre minha história e dos meus antepassados, mais entendo o porque estou viva e de que maneira quero viver e existir. Faz com que eu queira que se expanda a faísca da consciência com os meus. Para assim, quase como em efeito dominó, passem a ter autoconhecimento, autoestima e perspectiva.

Mainha, nasceu em Abaiara, em uma família de 12 irmãos, sendo ela a filha do meio. Quando aprendi a escutá-la passei a questionar o que minha mãe era antes de eu nascer, pois agora, só sei da história dela sendo minha mãe. Mas quem foi Damiana Maria Pereira, criança e adolescente?

De 4 em 4 anos, visitávamos minha família do Ceará, isso começou quando eu fiz 5. Depois, fui mais duas vezes, sendo a última no enterro do meu avô Zé Pereira. Minha mãe e minha avó sempre brigaram muito, não conseguiam ficar no mesmo ambiente por um dia inteiro. Brigaram até mesmo com o meu avô sendo velado na sala da casa onde minha mãe nasceu e cresceu. Um dia ela me contou que minha avó era muito ruim, que ainda pequena foi colocada na casa de uma família muito rica da cidade para ser cozinheira e faxineira: “tinha uns 5 anos, dormia com os animais e usava roupa feita de saco de arroz, um dia peguei sarna, minha irmã mais velha descobriu e foi me buscar. Minha mãe, sua avó, ia me deixar morrer lá”. Depois *mainha* foi para Fortaleza. Se tornou empregada doméstica, se mudou algumas vezes e sendo a maioria para casa de patrões, criou crianças sendo criança, casando-se muito cedo, não vivendo e nem tendo liberdade.

Quando nasci, minha mãe voltou a trabalhar poucos meses depois, eu era prematura e tinha muitos problemas de saúde, então precisei estar com ela o tempo todo. Minha mãe conta que para eu não ficar chorando, me colocava dentro da pia de lavar louças e enchia de brinquedos do filho da patroa. Cresci com eles, vendo a realidade de quem tinha dinheiro e dá
de quem não tinha.

Agora, quando olho para mim, tenho muitos questionamentos sobre o início da vida dela. Quando comecei a pesquisar sobre as amas de leite, encontrei um dos resquícios de um

país de história escravista. Minha avó, sendo ama de leite, não teve oportunidade de viver a maternidade com qualidade, e a necessidade de cessar a fome fez com que olhasse para os filhos como se fossem mãos de obra. Minha mãe cresceu sem perspectiva de mudança de vida. Um tipo de escravidão moderna. A história de minha mãe, é uma crítica ao: “já nasce sendo empregado”, assim como milhares de crianças pretas que nasceram no Brasil Colônia e moderno.

Gostaria que meu TCC fosse um presente para todas as mulheres que foram como minha mãe e para todas que cresceram na violência e falta de perspectiva que se tornaram minha avó. Gostaria que ele fosse como um diário de imagens e áudios. Se *mainha* soubesse escrever, escreveria sobre sua história, como tive oportunidade através da criação que ela e *painho* me deram, transformo minha procura pelo amor dela através de um filme-ensaio¹: *Orí*². O filme trata de uma realidade que atravessa mulheres pretas do Brasil, que se ligam através de suas próprias histórias. Deixando de existir a solidão que mulheres pretas sentem sua vida inteira, passando a sentir pertencimento.

2. Problema de comunicação

Como contribuir para a representatividade das narrativas e condições sociais das mulheres pretas brasileiras?

3. Objetivo Geral

Produzir um filme ensaio que visibiliza narrativas de mulheres negras atravessadas por três gerações (vó, mãe e filha). Trazendo a dor e desamparo estrutural originados no Brasil Colônia e que tem consequências até os dias atuais.

3.1 Objetivos específicos

- 1) Documentar e apresentar formas de exploração enfrentadas por mulheres pretas;
- 2) Mapear histórias familiares singulares e ao mesmo tempo representativas das condições de vidas de mulheres pretas no Brasil;

¹ [link](#) para o filme-ensaio

² Mais adiante, no item 6.1.1, será melhor explicado a escolha do título do filme-ensaio.

4. Justificativa

Este trabalho visa contribuir para o entendimento da representação da figura feminina negra no nosso país, através de uma linha do tempo entre três gerações que tiveram oportunidades e histórias diferentes, mas que se ligam através da dor simbólica causada pelo racismo. Por meio de análises comparativas das personagens representadas pela figura da mulher negra na obra *Olhos D'água* de Conceição Evaristo, é possível compreender que mesmo com histórias diferentes, elas se ligam na dor percorrendo entre o real e o ficcional. O uso da escriturabilidade como formato de abordagem tem como objetivo decolonizar a mulher negra e situá-la em um espaço de libertação da herança colonialista ou que também pode ser chamado de herança escravagista.

Sendo assim, foi utilizada a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) para construção do estado da arte deste trabalho. Com uso das palavras-chaves "empregadas domésticas", "escriturabilidade" e "mulheres pretas", aplicadas à produção do ano de 2020. Tendo como entendimento o espaço dela dentro da área de Comunicação, é notável a falta de pesquisas sobre a temática. De 28 resultados, apenas um é da área da comunicação. Exurgindo a carência de trabalhos voltados para gênero e raça dentro do espaço acadêmico.

Para a palavra-chave "**empregadas domésticas**", foi encontrada uma dissertação intitulada "Elas passam pano e enceram o chão, mas são quase da família: emprego doméstico e tipificações nas novelas da Globo entre 2012 e 2018", de autoria de Lucas da Silva Nunes (2020), defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que questiona como as empregadas domésticas e seus direitos trabalhistas são representados nas novelas exibidas na Rede Globo entre os anos de 2012 e 2018.

O uso da palavra-chave *escriturabilidade*, dentre as 17 dissertações e seis teses, apenas cinco trabalhos contribuem com a manutenção e sustento da escriturabilidade como forma de empoderamento feminino negro no Brasil sendo eles: "A gente combinamos de escrever: Poéticas Pretas e modos de autopotência na criação de Artes Cênicas", de Naara de Oliveira (2020), apresentado ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); "Identidades Socioespaciais nas Escriturabilidades Carolinianas", Daynara Lorena Aragão Côrtes (2020), defendida no Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe (UFSE); a tese de doutoramento de Gabriela Barreto de Sá (2020), intitulada "Direito à Memória e Ancestralidade: Escriturabilidades Amefricanas de Mulheres Escravizadas", apresentada ao Programa de Pós-

graduação em Direito da Universidade de Brasília; “Prefácios em Conceição Evaristo: a Escritora e a Crítica Literária”, de Antoniele de Cássia Luciano (2020), defendida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR); “As Imagens da Mulher Afro-brasileiras em Olhos D’água, de Conceição Evaristo”, de autoria de Roselene Cardoso Araújo (2020), apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (UFG). Nas outras 18 dissertações encontradas, vemos pesquisas que abordam a escrevivência como forma de experiências dentro da educação básica e superior no Brasil, assim como também sua representação no campo das Ciências Naturais e das Artes Cênicas.

Para a palavra-chave "*mulheres pretas*", foram encontradas quatro dissertações, apenas uma que contribui com o estudo sobre as dificuldades encontradas na realidade das mulheres negras no mercado de trabalho intitulado como “Significações de mulheres pretas inseridas no mundo do trabalho em posições de prestígio social”, de Winnie Nascimento dos Santos (2020), apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Nos outros artigos encontrados, vemos pesquisas que abordam eventos culturais criados por mulheres pretas, pesquisas de campo sobre a narrativa das mulheres pretas de Salvador e Cabo Verde e um estudo sobre o empoderamento feminino em grupos de arte, nenhum é voltado para a área de comunicação.

A escassez de abordagens e pesquisas sobre o tema escolhido dentro da área da comunicação é um reflexo do campo ainda estar em seus estágios iniciais no que se diz respeito às questões raciais. Essa constatação reforça o ineditismo da minha pesquisa, tanto no contexto da área de comunicação como na temática específica que desejo explorar. De forma pessoal, o tema não só foi pensado como uma boa temática para o trabalho de conclusão de curso, mas também como uma forma de reverenciar *voinha*, mulher preta, nordestina e ama de leite. E também *mainha*, mulher preta, nordestina e empregada doméstica. Acredito que quando falamos sobre nossa origem e ancestralidade, estamos contribuindo com a história real do nosso país e dessas mulheres. Espero poder estabelecer uma nova relação com a minha história e meu povo.

5. Referencial teórico

5.1 Mulheres pretas e a interseccionalidade

No livro “Interseccionalidade”, de Carla Akotirene (2019) a autora traz reflexões sobre o conceito da interseccionalidade desenvolvido pela ativista afroamericana Kimberlé Crenshaw na década de 1980, nos Estados Unidos. Nele, a autora analisa como as mulheres pretas têm sua existência confirmada pela interação entre gênero e raça. A reflexão, que principalmente Djamilia Ribeiro traz na apresentação, tanto como a teoria feminista quanto a luta antirracista exclui as mulheres pretas, já que na estrutura onde elas foram inseridas o sistema sexo-gênero entende a fêmea da espécie humana como mulher domesticada e nas relações capitalistas uma pessoa negra é transformada em escrava. Embora inicialmente, o conceito de interseccionalidade tenha sido pensado para mulheres pretas, atualmente é uma ferramenta importante para a compreensão das desigualdades sociais e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Assim como também, é entendida como uma ferramenta ancestral, isso porque quando se fala sobre interseccionalidade, se fala das primeiras mulheres pretas dentro dos territórios colonizados ou de sua chegada até eles.

Não por acaso, Sojourner Truth, nascida acorrentada ao escravismo, vendida em leilão aos nove anos de idade, junto ao gado, tornou-se pioneira do feminismo negro. Em discurso de improviso *Eu não sou uma mulher?*, proferido em 1851, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron, ela denunciou que “ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida pra escravização”. (Ribeiro, 2019, p.17).

Tratando das mulheres pretas brasileiras, a interseccionalidade se torna especialmente relevante, pois essas mulheres enfrentaram e enfrentam combinações de racismo, sexismo e outras formas de exclusão. Ao analisar as experiências delas, é importante considerar como diferentes formas de opressão se cruzam e se reforçam mutuamente. Quando pensamos nas mulheres pretas da colonização, identificamos desde as que foram vistas como objetos sexuais até as que serviam apenas para o trabalho doméstico. Além do fato de que para os colonizadores, essas mulheres foram transformadas em produtoras e reprodutoras de vidas expropriadas no trabalho de parto, e seus filhos em mercadorias as quais, elas, em tese, mães, não tinham direito a tal função.

De forma pessoal, quando relaciono meu objeto de pesquisa dentro da leitura, identifico *voinha* (ama de leite) e *mainha* (empregada doméstica) tendo suas histórias já postas por uma sociedade capitalista e racista, isso já fora do sistema do Brasil Colônia, entre 1930 à 1977. *Voinha*, dos 12 filhos que tivera, criou apenas o mais novo, os outros foram inseridos no mercado informal do trabalho ainda crianças. *Mainha*, que veio se tornar empregada doméstica antes mesmo dos dez anos de idade, tendo como profissão até hoje,

identifica desafeto e exclusão por parte materna. Djamila (2019) fortalece o pensamento de que não existem posições de hierarquia quando falamos de opressões, mas que a partir do momento que identificamos, trazemos novas perspectivas para o grupo que está sendo oprimido.

Não existe hierarquia de opressão, já aprendemos. Identidades sobressaltam aos olhos ocidentais, mas a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades. Uma vez no fluxo das estruturas, o dinamismo identitário produz novas formas de viver, pensar e sentir, podendo ficar subsumidas a certas identidades insurgentes, ressignificadas pelas opressões. (Ribeiro, 2019, p.28).

Djamila Ribeiro (2019) questiona também a exigência de que essas mulheres sejam representantes delas mesmas, aceitando ser uma figura sobrenatural, matriarcal e guerreira, capaz de sustentar qualquer coisa. Entendendo que a interseccionalidade, passou a ser debatida dentro da área de direito como forma de amenizar os efeitos da colonização. Ou seja, ela questiona a prática da interseccionalidade como um termo relacionado apenas às minorias políticas ou à diversidade, esquecendo as mulheres negras.

De fato, o feminismo e a luta antirracista, assim como pessoas privilegiadas, devem recorrer ao Estado para que busque mudança na realidade dessas pessoas que ajudam na construção da nação desde o início da mesma, através de políticas públicas, perspectivas e respeito pela cultura Africana e afrobrasileira.

5.1.2 Tudo sobre o amor

Como uma virada de chave, compreendi que Orí teria que ser pelo meu ponto de vista já que Orí, é o meu orixá. Não saberia falar sobre o Orí alheio mas saberia falar do meu. Então me aproximei de bell hooks, depois que li um dia que para ela Elizabeth Barrett Browning foi uma das grandes filosofas sobre amor, assim como também foi para Emily Dickinson e Virgínia Woolf, mulheres que levo comigo.

Dos primeiros momentos ainda na adolescência que tive acesso aos poemas de Emily, vulgo cartas de amor para sua cunhada Susan Gilbert, o que mais me chamou a atenção foi a forma que ela questionava o amor e a espiritualidade. É claro que, hoje entendo que naquela época era muito difícil imaginar-aceitar o amor entre duas mulheres, mas me atravessa imaginar que quando se trata de uma mulher que nasceu em 1830 para uma mulher que nasceu em 2001, a familiaridade entre eu e ela é tão grande. Me sinto uma grande amiga, assim como agora sinto pela escritora contemporânea bell hooks. Em 1850, depois que Emily Dickinson foi obrigada a sair da escola para voltar a morar com sua família em Amherst, ela

escreveu uma carta para uma de suas melhores amigas Abiah Root e em uma das frases, ela disse: *“Deus me proteja do que eles chamam de família”*. Aos 16, comecei a compreender o meu amor por uma outra mulher, na verdade, foi a primeira vez que tive contato com o amor carnal, sexual e espiritual. Cresci em uma família católica “roxa” e mesmo que não tivesse sido imposto pela mesma que eu e Nana (minha irmã) deveríamos fazer parte da religião, escolhi fazer parte da mesma (talvez tenha sido quando comecei a aprender a ler para ler a bíblia para os meus pais). Minha adolescência foi uma completa confusão mental. Tudo que foi construído em anos, caiu por terra. O divórcio, a violência doméstica, meu amor por uma outra mulher, minha vontade de sair de casa e tentativa de suicídio, fez com que eu passasse a não entender mais sobre o amor e isso me deixou sem nenhuma perspectiva de mudança. Para conseguir tirar tudo que estava dentro de mim passei a usar o codinome ‘Astronauta’ em meus textos e escritas. Mesmo que meus pais não saberiam ler o que eu escrevia, senti medo do mundo me castigar por estar sentindo o amor. Me sentia suja por sentir o amor.

No livro “Tudo sobre amor”, de bell hooks³ (2000), a escritora busca abordar a complexidade e as contradições pelo entendimento sobre o amor. A mesma leva à reflexão em todo o seu livro, em como a modernidade capitalista, religiosa e patriarcal afetou e afeta as relações, induzindo nós pensarmos mais na ausência do amor do que na presença do mesmo. Um dia, perguntei para uma grande amiga evangélica, o que ela achava sobre pessoas que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo e ela me disse: “ Não acho que Ele (Deus), gostaria que isso acontecesse, já que criou o homem e a mulher para que continuássemos vivos na Terra através dos filhos. Acho que pessoas que se relacionam com outras pessoas do mesmo sexo, tipo os gays, escolhem a extinção do ser humano. Então, escolhem odiar a sua própria criação e bom você sabe: Deus é amor”. Acho que não há confusão maior sobre o amor, que crescer em uma família de pais que não se amam.

Queremos conhecer o amor. E temos medo de que o desejo de saber muito sobre ele nos aproxime cada vez mais do abismo do desamor. Embora vivamos numa nação cuja grande maioria dos cidadãos se declara seguidora de credos religiosos que proclamam o poder transformador do amor, muitas pessoas sentem que não fazem a menor ideia de como amar. E praticamente todos sofrem uma crise de fé quando se trata de vivenciar no cotidiano as teorias bíblicas sobre a arte de amar. É bem mais fácil falar de perda do que de amor. É mais fácil articular a dor da ausência do amor que descrever sua presença e seu significado em nossa vida. (hooks, 2000, p. 29)

³ Tenho como escolha nas referências de citações diretas, preservar a grafia em minúsculo da autora. A explicação que se dá para escrever bell hooks em minúsculo, é que se trata do pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa.

Para hooks (2000), as pessoas amariam melhor se pensassem no amor como uma ação. Citando Erich Fromm (s/d) a autora reafirma que a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou de outra pessoa, define o amor como amor. Ou seja, o amor é o que ele faz para si e para o outro. Amar é um ato da vontade, da ação, do carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, honestidade e comunicação aberta. Nós não temos que amar, escolhemos amar. Quando penso na relação de *mainha* e *painho*, enxergo que um foi para o outro uma forma de liberdade e conforto, quase como uma troca: *mainha* daria uma família, cuidaria da casa e de *painho* e em troca ele daria dinheiro, casa e passagem para São Paulo. Um dia, próximo do divórcio ela falava: “você me ama?” e eu vi, ele olhando no fundo dos olhos dela e dizendo: “as únicas mulheres que eu amo são minha mãe e minhas filhas, eu nunca amei você” e foi ali, que percebi que minha família era composta pelo que hooks, mencionando M. Scott Peck (1978), chama de catexia.

Quando nos sentimos profundamente atraídos por alguém, dedicamos energia mental e emocional à pessoa, isto é, a investimos de sentimentos e emoções. Esse processo de investimento em que a pessoa amada se torna importante para nós é chamado “catexia”. Em seu livro, Peck enfatiza corretamente que em geral se “confunde a catexia com o amor”. Todos sabemos que indivíduos que se sentem conectados a alguém pelo processo de catexia frequentemente insistem que amam a outra pessoa, mesmo magoando-a ou negligenciando-a. O que eles sentem é catexia, mas insistem que é amor. (hooks, 2000, p. 35)

Quando compreendi que amor e abuso não poderiam coexistir, passei a entender minha sexualidade e a maneira que gostaria de viver a mesma. Perdoar meus pais e a forma que eles foram criados foi um passo importante para que eu pudesse aceitar o amor da minha namorada Laura Folletto. hooks (2000) conta que a maioria de nós vem de famílias disfuncionais nas quais fomos ensinados que não éramos bons, nas quais fomos constrangidos, abusados verbal e/ou fisicamente e negligenciados emocionalmente, mesmo quando nos ensinavam a acreditar que éramos amados. De forma pessoal, questiono até que ponto estamos abertos a falar sobre a disfuncionalidade de nossas famílias.

De certo modo, Orí passou a ser uma transformação sobre o amor que foi instaurado pelo capitalismo, racismo e patriarcado. hooks (2000) relata que muitos de nós se sentem ameaçados demais para aceitar uma definição de amor que não nos permitiria mais identificar o amor em nossas famílias.

Orí, o filme-ensaio, relata como é o processo de aceitação sobre o amor de minha família e o amor que busco ter, me distanciando de *mainha*. Me causando sentimentos de

culpa, revolta e desamparo. Assim como também, enxerga a mulher que ela é e foi. Trazendo, enfim, a libertação e cura.

Para hooks (2000) mudanças profundas na forma como pensamos e agimos precisam acontecer se quisermos criar uma cultura baseada no amor. Homens que escrevem sobre o amor sempre atestam que foram amados. Eles falam a partir desse lugar, isso lhes confere autoridade. Mulheres, com frequência, falam de um lugar de falta, de não terem recebido o amor que desejavam.

Finalizo este tópico com uma das frases do livro de hooks (2000) que mais me atravessa e que levo em consideração como base para o roteiro de Orí, assim como também, levarei para o meu crescimento espiritual e pessoal:

Pressionada na terapia a descrever minha família de origem como amorosa ou não, dolorosamente reconheci que não me sentia amada, mas me sentia cuidada. E fora da nossa casa eu me sentia genuinamente amada por algumas pessoas da família, como meu avô. Essa experiência de amor verdadeiro (uma combinação de cuidado, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade e respeito) nutriu meu espírito ferido e permitiu que eu sobrevivesse a atos de desamor. Sou grata por ter sido criada em uma família que era cuidadosa, e acredito fortemente que, se meus pais tivessem sido bem amados pelos pais deles, eles teriam dado amor aos filhos. Eles deram aquilo que receberam: cuidado. Ressalto que o cuidado é uma dimensão do amor, mas somente cuidar não significa que estamos amando. (hooks, 2021, p. 46).

5.1.3 Racismo

Em "Nem preto nem branco, muito pelo contrário", de Lilia Schwarcz (2012), a autora desmistifica a ideia da democracia racial no Brasil, e de maneira pessoal, afirmo que essa obra é uma das mais importantes para o entendimento do estabelecimento do racismo no país. Logo de início, nos deparamos com o racismo voltado aos povos originários através do olhar português, onde se analisa a construção desse povo vindo através de um entendimento de que povos não brancos e não europeus eram inferiores, invejosos e pecadores. A autora também analisa o fato que desde a chegada dos portugueses em terras tupinambá, era visto uma natureza paradisíaca de fartura, remédios naturais, alimentos e faunas. Porém, quando se tratava dos povos indígenas eram colocados como pecaminosos, selvagens, agressivos, impuros ou/e que apenas eles, europeus, poderiam salvar a terra do pecado e da desorganização. Ou seja, independente de como era visto a natureza tropical e suas diversas particularidades e formatos, a humanidade que se fazia presente não era digna do espaço. Para os europeus o povo desse novo mundo era estranho, assim como seus costumes. A cor branca, poucas vezes explicitada, é sempre uma alusão, quase uma benção, um símbolo dos mais operantes e significativos, até os dias de hoje. (SCHWARCZ, 2012, p. 11).

Ao explorar o período colonial e racismo voltado aos povos africanos, trazidos ao Brasil como mão de obra escrava, a autora examina como o racismo foi construído e perpetuado ao longo dos séculos, lançando formas dentro das dinâmicas da sociedade brasileira desde a educação à cultura. A autora desconstrói a ideia de que o Brasil é uma democracia racial, conceito que, em minha opinião, até hoje utilizamos para dizer que não somos um país racista. Schwarcz (2012) argumenta que essa visão é equivocada, revelando como as estruturas sociais e políticas brasileiras reproduzem desigualdades com base na raça antes mesmo do Brasil República. Ao explorar o período colonial, a autora expõe a base racial do sistema escravista brasileiro, demonstrando como a escravidão negra foi central para a formação econômica e social do país e que no processo de abolição da escravidão, a população preta foi marginalizada e excluída da sociedade.

Além disso, o apagamento sobre a história do país foi uma das formas de embranquecer a população e entendemos a partir da pesquisa da autora os caminhos que se foram planejados para que a população negra fosse vista como selvagens, inferiores e incapazes, repetindo assim, o racismo que foi feito também aos povos originários. Schwarcz (2012) analisa o processo histórico de miscigenação no Brasil, destacando que a miscigenação racial foi frequentemente utilizada como um mecanismo de apagamento e negação da identidade negra. Com a influência de teses do século XIX, como o darwinismo social e a eugenia, que legitimaram a hierarquia racial do pensamento científico e a inferiorização dos povos africanos, ao longo do século XX, as ideias eugenistas e científicas influenciam nas políticas públicas e as representações raciais do país. Ela argumenta que essa negação se manifesta em um padrão de branqueamento, onde indivíduos de ascendência africana buscam distanciar-se de suas origens e identificar-se como brancos ou não negros, miscigenados ou pardos.

Ao longo de minha infância fui estimulada a me embranquecer desde os fios de meus cabelos até a maneira em que utilizava maquiagem. Já na adolescência, a dica era sempre um tom mais claro, pouco sol no verão e muita química no cabelo, isso partindo de *mainha* existindo um silenciamento ou falta de posição de *painho*. *Mainha*, mesmo sendo filha de pretos retintos, tendo onze irmãos pretos, tios e avós pretos, não se enxerga preta pois em algum momento soube que seu avô era branco dos olhos claros, e por isso, sua cor de pele não é tão retinta quanto a dos outros.

Seu apelido de *Galega* dentro da família, a repulsa pela cor preta e tudo que se remetia a ela, fez com que *mainha* olhasse para a necessidade de sair de Abaiara (CE) e fosse para uma grande cidade como São Paulo e excluísse tudo que remetesse ao sertão e o povo.

Este trabalho busca compreender através dela como *voinha* olhava para sua própria identidade e se essa necessidade da exclusão da negritude partia também da matriarca. Ou melhor, através das memórias minha e de *mainha*, pode se existir um ideia de quem foi *voinha*.

Das poucas memórias que tenho de minha avó, lembro do seu medo de sair de Abaiara (CE), das cidades grandes, pessoas brancas e mudança. Com o tempo, a vida se transformou em dor. A necessidade do controle virou amargura, a escassez de oportunidades em dívidas financeiras e a preocupação constante em problemas de saúde. Sobre as duas juntas, tenho apenas a lembrança da distância e dor causada pelo apagamento, exclusão, negligência e carência.

5.1.4 Mercado de trabalho

Tendo como entendimento que antes da chegada dos portugueses em território brasileiro, o sistema de trabalho organizado por cada comunidade indígena era estruturado de uma maneira diferente, parto da pesquisa sobre o trabalho no país a partir da pré colonização. Bianca Vieira (2018), na dissertação "Mulheres negras no Brasil: trabalho, família e lugares sociais", diz que os portugueses viam as terras brasileiras como uma forma de estratificação, buscando explorar as riquezas, principalmente o pau-brasil, para vendê-las em Portugal. A partir de 1530, trinta anos depois da chegada, o Brasil começou a ser visto como um importante local para o plantio de cana-de-açúcar, já que era um artigo de grande importância para a Europa e de fácil cultivo nas terras brasileiras, resultando em um sistema agrário baseado em monoculturas, principalmente o latifúndio. Esse sistema se tornou a principal forma de distribuição do capital, marcando o início do processo de trabalho no Brasil.

A autora considera que a economia colonial teve um impacto que existe até os dias atuais, nas desigualdades sociais e raciais do país. O início foi um marco como forma de exploração e violência que passaria a ser algo recorrente dentro do espaço de trabalho. Com um olhar do racismo estrutural que já existia em outros territórios, o tráfico de africanos por parte de traficantes portugueses em grande quantidade, fez com que pessoas africanas se tornassem a principal mão de obra da economia colonial. As formas de estratificação influenciaram a divisão racial do trabalho, em que os negros eram vistos como inferiores e realizavam trabalhos mais duros, intensos e violentos, enquanto os brancos compunham uma parcela pequena da sociedade e trabalhavam menos. A ideia de que o povo preto escravizado era passivo e concordava com a forma que os senhores os tratavam, foi uma das bases principais do discurso da estrutura econômica colonial onde trabalhos voltados para dentro da

casa grande era entendida como mais íntima. A sociedade então passou a ser dividida em três setores: os senhores de engenho, que eram donos de terras e escravos, ocupavam o topo da pirâmide social; os trabalhadores livres, como artesãos, pessoas ligadas à Igreja Católica, comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais; e os escravos, que foram traficados da África pelos portugueses e forçados a trabalhar no Brasil, eram a base da pirâmide. É por meio da hiperexploração do trabalhador escravizado que se faz possível a geração de lucro em proporção suficiente para usufruto do polo produtor (colônia) e do polo distribuidor e consumidor (metrópole). (VIEIRA, 2018, p. 19).

Para Vieira (2018), citando Florestan Fernandes (1976) e Clóvis Moura (1988), a estrutura da economia colonial brasileira é fundamental para o entendimento das estruturas e dinâmicas sociais do Brasil, mesmo após a Independência e a abolição da escravidão. Essa economia colonial é a principal influência do modelo de trabalho que persiste até hoje, em que o racismo é usado como forma de divisão racial do trabalho, visando o controle e a dominação política. Assim, como a dominação da burguesia e elite brasileira em relação a classe trabalhadora. Moura (1988) e Fernandes (1976), contestam a ideia de que a abolição proporcionou liberdade aos negros escravizados, pois não foram implementadas políticas públicas ou medidas para a inserção dos negros no trabalho formal e na sociedade brasileira. A autora, mencionando Ramatis Jacino (s/d), contribui com o pensamento sobre a exclusão do povo preto, silenciamento de movimentos e lutas contra a escravidão, a partir de um embranquecimento que teve como opção assalariar imigrantes europeus, principalmente da Itália, para trabalhar nas plantações de café. Sendo assim, os grandes senhores agora passavam a temer - as lutas frequentes dos aquilombamentos - uma possível perda de suas terras através da violência e fúria do povo negro, afastando do sistema de produção e substituindo pelo trabalho assalariado do imigrante.

O fundo gerado dessa transação financiou a vinda de imigrantes para trabalharem pra (*sic*) estes mesmos grandes fazendeiros em um tipo de relação inédita dentro dos limites da antiga colônia: ao invés de vendidos, vendiam sua força de trabalho. Apesar de compor a base da pirâmide social da nação capitalista que nascia, na condição de trabalhadores assalariados com quase nenhuma proteção trabalhista, caracterizavam-se como trabalhadores livres e acessavam alguns direitos, como a compra parcelada de propriedades. Ao trabalhador nacional restou a expulsão da terra e o impedimento de acessar o trabalho assalariado, constituindo um enorme exército de reserva de força de trabalho (Vieira, 2018, p. 24).

Vale ressaltar, que o embranquecimento da população, se tornou uma discussão recorrente dentro da ciência e fez participação na criação de políticas públicas, uma legislação impactada por uma divisão racial e excludente, como mencionado neste trabalho.

A ideologia da miscigenação, pautada por cientistas como Nina Rodrigues (1957) e retomado posteriormente por Gilberto Freyre (1994), colocou o Brasil em um jogo do “mercado publicitário” onde aqui seria um lugar ideal para receber imigrantes europeus pela qualidade de vida, terras paradisíacas e com possibilidade de trabalho. Mesmo com a abolição, o processo de economia deixando de ser mais fora do campo e ocupando cidades grandes como São Paulo, a população negra foi excluída e marginalizada enquanto a introdução imigratória recebia oportunidades em diferentes setores econômicos (mesmo com a carência de trabalhos qualificados).

A abolição, deste modo, racionaliza uma cisão entre os tipos de trabalho naturalizados como aqueles ocupados por negros ou por brancos. “Todo subtrabalho, o trabalho não-qualificado, braçal, sujo e mal remunerado” estaria a cargo do trabalhador negro e todo aquele “qualificado, intelectual e nobre” era exercido pelo trabalhador branco (Moura, 1988, apud Vieira, 2018, p. 47).

No final do século XIX, com o início da economia cafeeira e sua exportação para o mercado internacional, o acúmulo de capital pelos cafeicultores brasileiros impulsionou o processo de industrialização no país. Como mencionado no texto, a forma de exploração do trabalho que teve início na economia colonial brasileira e continuou até os dias atuais, também impactou a industrialização do Brasil. Nas fábricas, os trabalhadores enfrentavam condições insalubres, exploração, baixos salários, longas jornadas de trabalho e violência infantil e feminina. Os imigrantes italianos e espanhóis, com seus ideais anarquistas, foram fundamentais na criação de sindicatos e na luta por melhores condições de trabalho. Durante os vinte e um anos da ditadura militar, entre 1964 e 1985, houve uma tentativa por parte dos militares de silenciar qualquer resistência, mas os movimentos sociais - dentre eles o MNU (Movimento Negro Unificado) que pedia o fim da violência policial, do racismo em espaços e em setores políticos - ganhando ainda mais força mesmo com o fim da mesma sendo possível mudanças na constituição e ganhos de leis trabalhistas.

5.1.5 Divisão de gênero e raça dentro do espaço de trabalho no Brasil

Através da memória de *mainha* e do meu olhar, o filme-ensaio questiona como o racismo impactou em relações e vivências de ambas, ele terá como base como o racismo afeta as relações maternas e sociais entre mulheres pretas. Seguindo com os pensamentos de Bianca Vieira (2018), a autora relaciona a economia colonial e pensamentos sociais brasileiros como uma das primeiras características colocadas nos estereótipos da mulher negra. De acordo com a autora, as mulheres pretas eram vistas além da força de trabalho

como "fábrica" de mão de obra para a economia colonial. Já que ela não apenas cuidava da casa grande, como por algumas vezes, era submetida a reprodução como forma dos senhores terem mais mão de obra para seu engenho.

Gilberto Freyre (1994) atribuiu à família escravocrata a designação de principal fator colonizador. Seria esta, segundo ele, a unidade produtiva responsável pelo povoamento regular da colônia, assentada no latifúndio e no trabalho escravo. Diferente do pensamento de Moura (1988) e por não amparar sua análise na contradição fundamental entre proprietários e escravizados, essa caracterização invisibiliza o fato de concentrar-se no corpo escravizado o núcleo produtivo vital do modelo de produção vigente. Quando desvelado tal ponto é possível compreender como se constituem lugares sociais e os seus reflexos nas configurações familiares. (Vieira, 2018, p. 54).

A autora pontua como os pensamentos sociais brasileiros contribuíram para que mulheres pretas e indígenas fossem responsáveis pela maternidade precoce e como isso impactou a sociedade como um todo. Nesses pensamentos se alimentava a relação proprietário-escrava como sadismo-masochismo, ou seja, que de alguma forma essas mulheres gostassem de estar sendo violentadas, abusadas e negligenciadas. Mencionando Lélia Gonzalez, a autora ainda ressalta que algumas tribos eram consideradas diferentes de outras por conta da cor da pele ser mais clara, mulheres dessas tribos, eram postas para casar com seus senhores por serem consideradas de sorte e mais fáceis de domesticar, se tornando elas, vítimas do espaço como um todo.

No entanto, suas incumbências abrangiam tarefas domésticas como cozinhar, limpar toda a casa, criar os filhos da sinhá e seus próprios, atender aos caprichos sexuais do senhor, filhos, padres... Não estavam, nem mesmo, blindadas dos castigos corporais incididos sobre os trabalhadores da senzala. Portanto, ao contrário de uma exploração atenuada, observa-se uma complexificação do quadro de subalternidade desses sujeitos (Gonzalez, 1984; Carneiro, 1985; Santos, 1985, apud Vieira, 2018, p. 55).

Vieira (2018) destaca como após a abolição, a classe senhorial criou estratégias para que pudessem proteger suas propriedades, já que movimentos e revoltas do movimento negro estavam criando cada vez mais força em lutas por direito a indenização pelos anos de violência e humilhação. Durante 1850 a 1855, mulheres, homens e crianças foram forçados a se retirarem do Norte e Nordeste do país, para trabalharem nas cafeeiras localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Desse modo, Vieira conclui que o deslocamento forçado e as condições precárias focando nas trabalhadoras resultaram em rupturas nos laços sociais e afetivos. A autora utiliza a legislação conhecida como Lei do Vinte Livre para argumentar a ruptura entre mãe-filho, contexto no qual os senhores receberiam indenização e

teriam tutela sobre os filhos de escravas libertas, podendo explorar seus serviços até os vinte e um anos de idade, podendo também alugar para terceiros.

Ainda com os assombramentos da economia colonial, o comportamento padrão paternalista, que se faz presente desde o início da escravidão, se torna um dos responsáveis pela falta de diferenciação dos limites do trabalho doméstico mesmo após a abolição. A autora citando Wilson Toledo Munhós, argumenta que as relações de trabalho muitas vezes se limitavam a situações em que as oportunidades de sobrevivência eram utilizadas pelos patriarcas como uma moeda de troca para obter gratificação e obediência. Contudo, como forma de proteção, algumas trabalhadoras buscavam criar espaços de autonomia e conseguiam negociar suas condições de trabalho.

A inserção e permanência das trabalhadoras negras no espaço de trabalho após a abolição, se dava em sua maioria como lavadeiras ou domésticas, sendo assim empurradas para marginalização social, por muitas vezes não tendo espaço para desenvolver seus trabalhos de modo digno, como observado por Vieira:

Empurradas para a franja da informalidade enfrentam inúmeras dificuldades impostas pelo poder público e pela legislação. A urbanização, por exemplo, foi um dos obstáculos para o exercício da ocupação de lavadeira, uma vez que as obras de modernização buscavam atender demandas das elites locais que manifestavam profunda aversão aos “focos de infecção” e “promiscuidade” os quais julgavam serem as beiras dos rios, onde trabalhavam as lavadeiras, como também vendedores ambulantes. O projeto de saneamento, de 1893, da Companhia Cantareira, ordenou a destruição dos chafarizes do Largo do Carmo e do Rosário. (Vieira, 2018, p. 62).

Voltando ao espaço doméstico, a autora mencionando Angela Davis e Patrícia Hill Collins, questiona o feminismo branco sobre a isenção da produção de bens e serviços, especialmente das mulheres pretas já que na verdade, essas mulheres foram e são direcionadas para ocupações menores e com menor remuneração e prestígio social. Destaca-se que a exploração da capacidade reprodutiva do corpo da mulher negra, foi uma das formas da manutenção do capitalismo moderno, já que essas mulheres eram tratadas como mercadorias e foram responsabilizadas por serem a produção da formação de trabalho que enriquecia senhores. Ou seja, a fertilidade da mulher negra escravizada (anos depois mulher negra livre) não foi algo idealizado como foi para uma mulher branca, e sim, foi algo visto pelos seus senhores apenas como reprodução de mão de obra.

Já em relação ao trabalho, o discurso da fragilidade feminilidade, sustentado pelos discursos sociais conservadores nos quais mulheres figuravam como aptas apenas para o lar, não foi utilizado para questionar o trabalho pesado feito pelas trabalhadoras negras

escravizadas nas plantações e grandes casas ou até mesmo nas longas jornadas nas fábricas, como conta a autora.

De certo modo, as mulheres pretas no Brasil ainda caminham em passos lentos quando se trata de oportunidades, crescimento e perspectivas. As políticas públicas voltadas para essas mesmas mulheres, são formas de combate as desigualdades sociais de gênero e raça, e, que visam enfrentar as diversas formas de discriminação e violência que ocorrem desde o período colonial como vemos no decorrer do texto. Vieira (2018) aborda como programas como o Bolsa Família e o acesso às universidades públicas, contribuíram e contribuem para que essas mulheres consigam alcançar sustento material e que ocorra a manutenção em postos de trabalho e família, conseguindo assim, alcançar sua liberdade e autonomia.

Finalizo este tópico com o discurso do Coletivo Combahee River (1977) que diz que se as mulheres negras se libertassem, isso significaria que todos os outros teriam que se libertar, porque a nossa liberdade exigiria a destruição de todos os sistemas de opressão.

5.2 Documentário

No texto "O que é documentário", de Fernão Ramos (2008), o autor menciona um aumento de pesquisas e interesses sobre o cinema de não ficção nos últimos tempos como forma de compreender como a mente humana interage com a experiência do audiovisual e como isso influencia no entendimento do que é o documentário e de que maneira introduzimos o real dentro do audiovisual através de sons e imagens.

Por mais que tenham surgido pesquisas e interesses pelo campo do audiovisual, o autor defende uma necessidade maior no aprofundamento sobre o campo documental dentro da abordagem analítico-cognitivista, já que para ele, negar o campo documentário como campo não-ficcional é uma forma de seguir com ideias ultrapassadas impossibilitando o uso da criatividade e inventividade, já que existem diferentes abordagens e concepções do campo não ficcional dentro da cinematografia, assim fazendo com que se entenda a importância da reflexão sobre a subjetividade dentro do audiovisual.

Ao localizar o documentário no eixo de uma visão inocente da representação da realidade, carregada com o viés especular, transfere-se para fora deste campo, o universo da representação, que traz em si um posicionamento moderno, contemporâneo, do sujeito em interação com o mundo que lhe é exterior, constituindo e dando ensejo à atividade de representação. (Ramos, 2008, p. 4).

Ramos (2008), traz a possibilidade de entendermos a subjetividade para definição do gênero documentário como também uma forma de representação cinematográfica. O autor divide essa tradição da representação em duas abordagens principais, uma que defende a

definição do documentário com base de proposições sobre a realidade através de pontos assertivos sobre o mundo, ou seja, trazendo proposições lógicas e semelhantes com declarações factuais (ex: existiu a segunda guerra mundial). Já a segunda, é questionado a subjetividade dentro do audiovisual, enfatizando a subjetividade e sua relação com a representação do sujeito. De qualquer forma, o autor ressalta que embora haja possibilidades de engano para quem está assistindo, os espectadores dos documentários acabam possuindo algum conhecimento prévio sobre o que será falado, discutido, e abordado. Seja de maneira documental ou ficcional, entendendo também que indexação é a forma como os espectadores reagem a uma narrativa. Nesse sentido, a recepção em alguma medida organiza as narrativas a partir de definições previamente sugeridas pelo campo da produção como sendo documental ou ficcional.

Os gêneros documentário e ficcional, causadores de embates e discussões sobre a realidade e a ficção, também são abordados pelo autor. Segundo ele, a intensidade que as imagens retratam sentimentos como a morte ou eventos importantes da história podem ser vistas tanto em documentários como também em filmes de ficção, tendo o poder de provocar emoções intensas nos espectadores. No entanto, é no documentário que a presença da tomada ganha maior destaque, pois é o momento em que o mundo deixa sua marca na câmera e se transforma em imagem. “(...) há, na história do cinema documentário como um todo, uma espécie de força centrípeta que atrai a imagem e o espectador para a presença do sujeito que sustenta a câmera na tomada” (RAMOS, 2008, p. 10).

Bill Nichols (2005), traz seis modos de representações dentro do gênero documentário sendo elas: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. O autor explica que os modos podem se sobrepor durante o audiovisual, já que eles foram criados durante a construção do gênero documentário.

Num filme mais recente, não precisa ser dominante um modo mais recente. Ele pode se voltar para um modo mais antigo, embora ainda inclua elementos de modos mais recentes. Por exemplo, um documentário performático pode exibir muitas características do documentário poético. Os modos não representam uma cadeia evolutiva, na qual os modos mais tardios têm superioridade sobre os anteriores, superando-os. (Nichols, 2001, p. 136).

Compreendendo que o documentário pode transitar em alguns modos a partir de sua reestruturação, em "A Voz, o Ensaio e o Outro", de Consuelo Lins (2008), através de um olhar sobre o documentário brasileiro contemporâneo, conta que a subjetividade como modo do documentário é mais sobre a maneira de olhar o mundo em um determinado momento da história do que às histórias de vida do diretor.

De forma pessoal, tenho como referência de documentário, o audiovisual “Orí” (1989). Com o roteiro e narração de Beatriz Nascimento, e dirigido por Raquel Gerber, o documentário sugere, a partir do fio condutor da história de Beatriz Nascimento, compreender a relação entre Brasil e África entre 1977 a 1988. O mesmo busca entender o papel do quilombo dentro do Brasil, como influenciou o enegrecimento do país e contribuía (na época) para que o povo preto não tivesse sua história apagada pelo embranquecimento.

É uma busca de Beatriz pelo seu próprio Orí a partir da história de sua família, dos lugares em que cresceu e viveu, os espaços ocupados (universidade) e seus anseios para enxergar como seria o Brasil em um futuro não distante. Entendendo que o produto audiovisual que produzi se enquadra mais na forma de filme-ensaio, como será abordado no próximo tópico, em relação aos demais modos de representação do gênero documentário, encontro aproximação no modo performático (NICHOLS, 2005) e documentário subjetivo (LINS; MESQUITA, 2008).

Tendo abordagem voltada a algo familiar a uma contação de história, muito presente dentro da cultura afrobrasileira, o filme abordará os laços familiares entre mãe e filha e as circunstâncias causadas pelo racismo e embranquecimento. Sendo eu personagem e diretora, por isso dessa maneira a subjetividade se cruza na pesquisa através da voz-over a ser feita por uma voz feminina e íntima.

5.2.1 Filme-Ensaio

No texto "Ensaio-fílmico: notas sobre uma forma audiovisual sem forma", de Sara Feitosa (2019), a autora, citando Weinrichter, não deixa dúvida ao afirmar que a forma ensaio começa a constituir-se na tradição documental, para ao longo do tempo enriquecer-se com aportes, nunca sistemáticas, oriundas do campo do cinema de ficção modernista auto reflexivo, do cinema experimental e da vídeo arte. A escolha do filme-ensaio como abordagem metodológica neste trabalho é fundamental na necessidade de explorar a liberdade do eu por meio das histórias que ligam *voinha* e *mainha*, evitando uma abordagem documental convencional.

A relevância do filme-ensaio no contexto da comunicação e da academia tem sido subestimada, uma vez que não é reconhecido como uma forma necessária de produção dentro do espaço acadêmico. Para a autora, citando Adorno, a pouca importância do ensaio na academia se dá pelo fato de a ciência privilegiar assertivas universais. Ou seja, o filme-ensaio não busca trazer soluções para os questionamentos encontrados dentro do incômodo sentido.

Ao estabelecer uma possibilidade de reflexão sobre a própria existência das mulheres pretas brasileiras, é possível oferecer uma nova perspectiva do eu. A investigação é impulsionada por questionamentos sobre as razões que levam essas mulheres a estarem cercadas de violências, tanto no contexto social quanto no espaço de trabalho, buscando compreender a história dessas mulheres presentes na própria família da ensaísta e suas influências na formação de sua individualidade. Nesse contexto, Feitosa (2019) entende que a concepção de subjetividade proposta por Michel Foucault (2004; 2006) é relevante já que para ela, Foucault entende a subjetividade como uma estratificação de conhecimentos que são impostos ao sujeito de fora para dentro, muitas vezes sem que o próprio sujeito tenha consciência disso. Assim, o presente trabalho, orientado por esse modo de pensar de que falam os autores, tem como objetivo compreender não apenas quem somos, mas também como nos constituímos naquilo que somos, levando em consideração as influências sociais, culturais e históricas que moldam o ser.

A escolha do filme-ensaio como base do audiovisual, veio do encontro com a produção de Petra Costa, *Elena* (2012), filme documentário que visa trazer memórias da diretora com sua irmã durante sua infância, criando uma transformação de narrativa autobiográfica fazendo com que quem cria, também faça parte da história. Ou seja, Petra além de ser personagem do filme, também é diretora. De certa forma, *Elena* é para mim, um símbolo de um diário em formato de vídeos, áudios, arquivos pessoais e memórias. Algo como antropológico e também arqueológico, uma escavação em busca de entender o ser por traz da arte, da cultura, do espaço e do tempo. Íntimo e corajoso, que passa a levar o questionamento para fora de seus próprios medos, receios e traumas. Um filme-ensaio que procura entender sobre o seu eu através de sua relação com o outro, neste caso, sua irmã e mãe. Por isso a escolha da obra como base referencial. Através das memórias vivas de *mainha*, busco conhecer sua infância e adolescência, também compreender *voinha*, o tempo e espaço onde elas cresceram e fizeram presença em boa parte da vida. De forma pessoal, durante toda minha infância estranhava as poucas informações que tinha sobre minha família e isso fez com que por muito tempo sentisse necessidade de procurar por pertencimento familiar, sempre me sentindo rejeitada, negada ou negligenciada. Em uma conversa com *mainha*, entendi que esse sentimento foi passado tal qual uma herança. Agora, tendo acesso à educação e estar em busca sobre meu autoconhecimento, compreendo como a negritude e mulheres negras foram excluídas pelo sistema, representando assim, através dessas mulheres da minha família os danos causados por traumas que não possibilitaram-as de terem tido o

poder das escolhas de suas próprias vidas, a necessidade da liberdade e a falta do acesso e das possibilidades.

5.3 Escrevivência

Há poucas memórias de diálogos sobre minha infância, mas as mais vívidas com *mainha*, eram dentro de casa de patroas, especificamente, brincando com seus filhos ou dentro de pias de cozinhas para facilitar o trabalho de minha mãe. Conceição Evaristo passou a ser referência na minha vida, logo quando entrei na universidade e conheci o PET - História da África, onde através dos textos dela enxergava a existência da minha família pela primeira vez. Maria de Lordes Rossi Remenche (2019), na dissertação "A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira", evidencia como que a realidade da escritora atravessa e imerge suas obras, através de um olhar para a condição real da pessoa negra dentro da sociedade brasileira, fazendo referências aos lugares marginalizados, explorando realidade dos gêneros e raça dentro das comunidades e trabalho, cunhando o termo escrevivência para nomear uma escrita que se mescla com suas histórias, memórias e a sua herança.

Quando eu usei o termo é... escrevivência [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. (Evaristo, 2017, apud Remeche, 2019, p. 44).

Quando se trata sobre meu filme-ensaio, penso pela minha perspectiva em relação a *mainha*, passando a buscar compreender como foi a relação entre minha mãe e minha avó e a minha relação com ela e o amor. O texto em "A escrevivência seus subtítulos", de Conceição Evaristo (2020), a autora escreve sobre nunca alterar o que entende como um local de mando exercido por pessoas brancas na história brasileira. De acordo com Evaristo (2020) esta é uma estratégia de denúncia. Tendo como recorte, a prepotência, os desmandos, os privilégios do poder exercido pelas pessoas brancas sobre os não brancos.

Pode-se concluir que a construção de personagens brancas em meus textos é sempre representativa de alguma forma de poder. Estão no local de mando. Historicamente, é essa a nossa realidade, e a ficção, de certa forma, também não retira esse personagem desse lugar construído e permanente ao longo da História. Não retira, apenas denuncia. (Evaristo, 2020, p.28).

A autora também fortalece a ideia de que as culturas africanas e afro-brasileiras são mistificadas e/ou folclorizadas. Pessoas negras na maioria dos discursos sociais (novela, jornalismo, literatura, dentre outros) são definidas como preguiçosas, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais, extremamente sexualizados com seus corpos infecundos, sujeitos incapazes de pensar ou viver sentimentos com o amor, o afeto e o respeito.

Creio que a minha autoria não chega a ser tão cruel, pois, como já afirmei, não é essa personagem que me interessa criar, e quando crio essa representação, o branco surge e ocupa o lugar da crueldade; não salvo ninguém. (Evaristo, 2020, p.29)

Conceição Evaristo (2020) fala sobre a construção social da imagem mãe preta, que mesmo tendo uma história de vida de sofrimento e sem pertencimento, não deixa de zelar por outras vidas, na maioria das vezes filhos de pessoas brancas. Escrivência em sua percepção borra as ações feitas no passado, potencializando as histórias de mulheres pretas. Então, como argumenta a autora, se um dia a escrita não foi nossa, agora ela passa a ser.

Quando criança nas visitas esporádicas até Abaiara (CE), meu avô nos contava histórias e folclores sobre nossa existência. Crescer em uma família negra foi quase como um apagamento já que estive mais em espaços onde o embranquecimento esteve presente de maneira mais excessiva. A partir do momento que saber sobre minha ancestralidade passou ser algo necessário para minha existência, entendi que muito do meu povo não enxerga a compatibilidade que cercam nossas histórias. Através da conversa, da busca, da simplicidade nas palavras, na troca e escuta, acontecem mudanças. Conceição Evaristo, empoderou através de suas escritas, o Orí.

6. METODOLOGIA APLICADA

O modo de produção escolhido para fazer este trabalho é projeto experimental em formato de filme-ensaio. Como base para estruturação do projeto foi utilizado o autor Sérgio Puccini (2007), que tem como enfoque o processo de produção de documentários. Para o autor, é importante a pesquisa durante todo o processo de produção. Por isso, Orí - título escolhido para o filme-ensaio - tem como enfoque apresentar minha perspectiva sobre estas histórias (singularidades) familiares. O produto audiovisual, fruto do trabalho aqui apresentado, é uma reflexão íntima sobre estas histórias familiares e uma tentativa de pensar alto sobre outras formas de opressão produzidas pelo racismo.

6.1 Pré-produção

Para Puccini (2007) citando Michael Rabiger (s/d), é importante entender e estruturar a proposta do filme. Para assim, se chegar ao argumento principal, tema e exposição do tema. Entendendo então que essa proposta de filme é, na verdade, o resultado da primeira etapa da pesquisa.

6.1.1 Pesquisa

Puccini (2007) mencionando Rosenthal, afirma que a primeira etapa da pesquisa serve para definir as principais hipóteses para o filme. O filme-ensaio *Orí*, teve como faísca durante a disciplina de Telejornalismo 3, quando durante o processo estava olhando para minha sexualidade, como nunca tinha feito antes. E isso, automaticamente, voltou para minhas relações familiares, especificamente com *mainha*. A busca pela compreensão sobre minha mãe, fez com que eu me aproximasse de minha espiritualidade. Desse modo, olhei para *orí*, palavra de origem iorubá que significa cabeça, e tem como entendimento no mundo espiritual, como seu primeiro orixá, santo ou divindade. É aquele que busca compreensão do mundo através de sua própria intuição e sabedoria, podendo assim trazer transformação. A partir daí, foram feitas as primeiras conversas com a minha mãe sobre sua criação, o que levou a Maria Pereira, *voinha*. Através da universidade e trabalhos voltados ao meu povo, compreendi o sentimento acerca das relações maternas da negritude, e como essas mulheres são personagens que vivem na marginalização da sociedade, tendo a presença constante do desafeto em grande parte de suas vidas.

6.1.2 Fontes

Para Puccini (2007), mencionando Alan Rosenthal, no modo de ensaio é preciso um personagem forte, que vive situações de risco, que enfrentam obstáculos ou que causem empatia no espectador. Nessa busca, os personagens entram em conflito com outros personagens ou com circunstâncias externas. Através desse entendimento, tenho como fontes principais, consideradas fontes primárias: Damiana Pereira, *mainha* e Ana Júlia Pereira, eu (narradora, diretora e personagem). Sendo eu, a personagem que traz o conflito com outros personagens, em busca de compreender como o racismo e embranquecimento afetou as relações da minha família. Os personagens secundários, escolhidos apenas como modo de uso como contribuição do roteiro e diálogos.

6.2 Produção

A produção foi dividida em duas partes, sendo a primeira durante as férias de inverno do calendário acadêmico (metade de julho à metade de agosto) em Limeira-SP, onde foi feita a entrevista com minha mãe e imagens de apoio. Puccini (2007) afirma a importância da espontaneidade e como a adaptação do entrevistado com a câmera é importante para um material com as informações necessárias para o produto que está sendo feito. Por isso, a ideia foi voltada para o ambiente familiar e com conversas sendo feitas no local diário da fonte, para que se sinta confortável e habituada com o espaço e a câmera, assim como para a construção da narrativa.

Um dos motivos, e sendo o principal, do deslocamento até São Paulo é por conta das minhas fontes carecerem de entendimento e compreensão em relação a tecnologia e escrita. A segunda metade foi feita em Florianópolis e São Borja, do dia 10 de outubro à 20 de outubro (data escolhida por conta do feriado regional e feriado nacional que facilita o deslocamento sem prejudicar o calendário acadêmico), foram feitas imagens de apoio que visam trazer o meu olhar e perspectiva sobre a história como um todo, já que sou a narradora do filme. Sendo assim, não conseguiriam me ajudar com as captações de imagens e documentos que serão usadas na criação do audiovisual.

No processo de produção também foi feita a separação de imagens e vídeos que trazem passagens da negritude na história do Brasil, contribuindo para que se entenda o racismo em toda a estrutura social brasileira.

6.2 Pós-produção

A pós-produção é depois de toda a coleta de material e estruturação da roteirização, para assim o filme ganhar corpo e começar a ser configurado. O autor diz que tudo o que vemos no filme é resultado de escolhas feitas na busca da construção de um sentido para o filme: escolhas feitas na pré-produção, escolhas que orientam as decisões de filmagem e escolhas que orientam as decisões de montagem. Dando então o afunilamento do conteúdo, sendo previsto dois tratamentos para roteiro de edição e dois tratamentos de edição.

7. Atividades Realizadas e Avaliação do Processo de Produção

As atividades, como gravação e produção, foram realizadas no interior de SP, São Borja/RS e Florianópolis/SC. As gravações em Limeira, interior de São Paulo, foram durante as férias de inverno de 2023, 21 de julho a 8 de agosto, e teve como objetivo entrevistar

mainha, gravar imagens da casa onde a mesma reside e onde cresci, lugares e espaços que tanto eu quanto *mainha* frequentamos e coleta de registros fotográficos da minha infância e da adolescência de *mainha*.

Em Florianópolis, de 11 de outubro a 16 de outubro, tive como objetivo apresentar meu Orí, que tem como proteção Iemanjá, mãe das águas. Por isso, imagens de apoio e sonoras foram feitas na praia da Galheta e para se introduzir a temática do amor casual, foram realizadas imagens de apoio para representar momentos da minha relação com minha namorada, Laura Folletto.

Em São Borja, de setembro a fim de outubro, foram feitas imagens de apoio e sonoras da festa de Erê para representar a cultura de matriz africana e onde também tive o privilégio de ter conhecimento e acesso ao *meu preto velho Antônio* e ao *meu erê Pedrinho*, regentes do meu Orí. Minha casa foi utilizada como locação para algumas cenas que representaram minha rotina, pessoa e crenças. A fronteira foi representada em uma das cenas, então, São Tomé na Argentina também fez parte do roteiro da viagem e imagens de apoio foram feitas. E no fim das atividades, foram feitas imagens do meu aniversário de 22 anos, ano que *mainha* tinha quando nasci e registro do dia das fotos da formatura de jornalismo.

O projeto do filme-ensaio tinha como objetivo inicial ter cenas em Abaiara-CE. Isso porque foi a cidade em que *voinha* viveu toda sua vida, e conseqüentemente, lar de *mainha* nos primeiros anos de sua vida. Assim como também conseguiria abordar e imergir as memórias de *voinha* a partir da lente; mulher e mãe. Porém, por razões financeiras e de saúde, a rota passou a ser interior de SP (minha antiga residência e atual morada de *mainha*), Florianópolis (espiritualidade e amor) e São Borja (onde vivo atualmente e último lugar que morei antes de iniciar a vida adulta). Passando a ter um foco na relação minha com *mainha* antes e depois de me mudar para o Rio Grande do Sul. Tendo como busca, o entendimento pelo passado e presente, para a compreensão do que quero viver no futuro.

8. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, o objetivo mais importante foi documentar e apresentar a partir de um audiovisual, as diversas formas de exploração enfrentadas por mulheres pretas no Brasil. A abordagem se concentrou em mapear histórias familiares singulares, ao mesmo tempo, representativas das condições de vida dessas mulheres, destacando as transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas entre a década de nascimento de *voinha* e até 2023. Porém, percebo que o direcionamento proposto não foi seguido conforme mencionado anteriormente. Acredito que seja pertinente destacar que, embora a intenção inicial fosse a de

seguir tal abordagem, ao longo do processo de produção, o enfoque passou por uma transição para a reflexão sobre formas de opressão vinculadas ao racismo e à desigualdade social. Um exemplo ilustrativo desse redirecionamento é observado na experiência de *mainha*, que, pouco tempo após o meu nascimento, foi forçada a assumir o papel de empregada doméstica, sendo obrigada a me levar para o trabalho enquanto ainda era um bebê, resultando, conseqüentemente, em minha contratação de pneumonia.

Além disso, o projeto expandiu-se para contemplar outras temáticas que exercem influência em minha existência, como a espiritualidade e a sexualidade. Este ajuste no foco da pesquisa proporcionou uma perspectiva mais abrangente e enriquecedora, permitindo uma análise mais profunda das interseções entre as diversas formas de opressão presentes na minha trajetória e na sociedade em geral.

O trabalho, ao final, projeta um caminho para futuras pesquisas, expandindo a análise para incluir a história de *voinha* e aprofundar a compreensão das transformações sociais vivenciadas pelas mulheres pretas no Brasil. A inclusão de mais perspectivas, enriquecerá e terá como papel decolonizar, a história das mulheres pretas ao longo das gerações em nosso país.

Por fim, acredito que a produção deste projeto experimental foi importante em muitos viés. Um dos primeiros é a realização ancestral de poder falar sobre os meus no meu último trabalho antes de concluir a universidade, espaço onde os mesmos não tiveram oportunidade de acessar. Além de ter olhado de perto como a educação é transformadora, quando usada para compreender a si mesma. É inevitável, transforma tudo e todos. Passei meses introduzindo meu trabalho em palestras, rodas de conversa e produções artísticas dentro e fora da faculdade, para que mais pessoas pudessem questionar seu Orí, o pertencimento e a sociedade capitalista, violenta e desigual em que vivemos. Assim como também, exerci o meu papel de futura jornalista através da escuta e diálogo. Resisti e enegreci. Colhi momentos e guardo comigo para que depois da faculdade, me torne uma profissional e contribua com a mudança para um mundo afetuoso, amoroso e digno.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Pallas Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência seus subtítulos**. In: *Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. SP, RJ, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 18 de jun. 2023.

ELENA. Petra Costa. Brasil, 2012, 35mm/DCP.

FEITOSA, Sara. Ensaio-fílmico: notas sobre uma forma audiovisual sem forma. In: **TEXTO**. SAUSEN, G.; ROCHA, M. O.; FEITOSA, S. (orgs.) São Borja: Unipampa; Assis (SP): Triunfal Gráfica e Editora, 2019. p. 101-115.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante. 2021.[versão kindle].

LINS, Consuelo. **A voz, o ensaio, o outro**. In: *Catálogo da Retrospectiva de Agnès Varda*. RJ, SP, Brasília: CCBB, setembro, 2006. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/introduco--dublagem-apostila05.pdf>. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas/SP: Papirus, 2005.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas (SP): Papirus, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é documentário**. São Paulo: Editora SENAC, 2008. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf> Acesso em: 16 de jun. 2023.

REMENCHE, Maria de Lordes Rossi. **A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira**. Dissertação – Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba (PR). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348807640_A_escrevivencia_de_Conceicao_Evaristo_to_como_reconstrucao_do_tecido_da_memoria_brasileira. Acesso em: 18 de jun. 2023.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

VIEIRA, Bianca. **Mulheres negras no Brasil: trabalho, família e lugares sociais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação,

Campinas (SP). Disponível em <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1010105>.
Acesso em: 23 de jun. 2023.